

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

NILZA DE ANDRADE RIBEIRO

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

NILZA DE ANDRADE RIBEIRO

Nasceu em 14 de janeiro de 1925 na cidade da Barra, Bahia, onde viveu até 1946, quando se casou e foi morar em Belo Horizonte. Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi de 1966 a 1982 como secretária geral.

Em 1953, por indicação de uma cunhada que trabalhava no ministério da educação, entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais onde ficou como escriturária, com chefia de gabinete de diretor, até 1966, quando foi indicada para trabalhar na EECC.

Conheceu os problemas de falta de pessoal e de recursos financeiros da EECC desde quando trabalhava na faculdade de medicina e, enfrentou-os mais de perto, quando foi transferida para a escola. Presenciou as mudanças que a escola passou devido a Leis de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, desanexação em 1968 e Reforma Universitária de 1968. Vivenciou os avanços, os retrocessos e os problemas enfrentados durante a administração de irmã Maria Carmem Teixeira, Carmelita Pinto Rabelo, Izaltina Goulart de Azevedo, Yole de Carvalho Mazzoni e Maria Noemi Ferreira Ribeiro. Devido ao cargo que exerceu, conheceu de perto cada funcionária pois ficavam sob sua responsabilidade; cada docente pois muitos foram admitidos no seu período e os alunos já que quem organizava as formaturas era ela.

Aposentou-se em 1982 e todo fim de ano expõe na escola trabalhos manuais que faz junto com outras vinte voluntárias. Seu objetivo atual é construir uma casa para idosos, sonho este dividido com Carmelita Pinto Ribeiro.

SUMÁRIO

LADO A

Dados pessoais; os filhos, sua infância, seus pais, sua formação e período que lecionava em Morpará (BA); seu casamento e vinda para Belo Horizonte; a vida de casada; de como conseguiu emprego como escriturária na Faculdade de Medicina da UFMG; suas atividades profissionais até nomeação como secretária oficial; sobre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas na época da irmã Emília Clarízia e irmã Maria Carmem Teixeira; falta de assistência da faculdade de medicina com a escola de enfermagem; do pequeno número de funcionárias; do controle financeiro da faculdade de medicina e das dificuldades da escola de enfermagem; de sua designação para a escola e enfermagem em 16/01/66; do funcionamento da escola e de sua permanência na escola após a desanexação em 1968; referência a várias professoras e funcionárias; a visão da enfermagem na época; as bolsistas do Hospital Municipal; das dificuldades enfrentadas e facilidades devido ao conhecimento com diretor da faculdade de medicina; o trabalho após a desanexação; as comemorações de aniversário das funcionárias, o natal e as formatura; o rigor do internato e do controle da econômica dona Itália Clarízia; os problemas e soluções do internato; uma aluna que foi expulsa e que terminou o curso em outra escola; o cotidiano no internato; a divulgação do curso pelo bispo de sua cidade natal e vinda de várias alunas de lá para escola; as refeições das alunas e das funcionárias; as pessoas que moravam no internato; suas impressões sobre o tempo das freiras; a saída das freiras da EECC e a desanexação; a relação da escola com a Cruz Vermelha; o relacionamento com os funcionários e professoras e a hierarquia ; as reuniões mensais com o pessoal administrativo, admissão e treinamento dos mesmos

LADO B

Referência a uma greve de funcionários; a uma “Carta aberta” publicada no Boletim Informativo da Escola de Enfermagem da UFMG nº 59, de agosto de 1982, que distribuiu quando de sua aposentadoria, onde fala sobre as diretoras do período de 1966 a 1982, as diferenças, dificuldades, avanços e retrocessos da EECC; sobre o adiamento de sua aposentadoria a pedido de Izaltina Goulart de Azevedo enquanto diretora pró tempore; a organização das formaturas e coquetéis; o oferecimento de almoço às formandas pelas paraninfas e de um especial que ela mesma fez; da autonomia das últimas turmas na organização da formatura; da última formatura que organizou e da resistência de uma aluna em usar a beca e como resolveu o impasse; outras solenidades na escola; a criação do Conselho de Extensão; das festas de confraternização no natal e aniversário das diretoras; das mudanças na estrutura organizativa da escola devido à Reforma Universitária de 1968; da autonomia administrativa da escola após a desanexação; da retomada da construção do prédio; do fim do internato e envio dos objetos e, móveis e utensílios para a reitoria; a transformação dos dormitórios em salas de aula; do registro de tudo que acontecia na escola em livros de atas durante sua atuação enquanto secretária geral da escola; referência aos primeiros alunos do sexo masculino, em especial ao Francisco Lana e Lúcio José Vieira; à professora Suzie Scott; ao arrombamento da escola em 1966; à utilização 6º andar da escola pelo Instituto de Ciências Biológicas; de sua aposentadoria e dos planos para construção de uma casa para idosos; sobre o trabalho que desenvolve junto com 20 voluntárias e da exposição que o grupo faz todo fim de ano na escola; sobre sua crença religiosa; sua visão atual da escola, sua dedicação principalmente na época de concurso, quando as atividades iam até de madrugada.

LADO A

Valda: Nilza Andrade Ribeiro, nome completo.

Nilza: É, completo.

V.: D. Nilza, a senhora nasceu quando e onde?

N.: Eu nasci dia 14 de janeiro de 1925, na cidade da Barra, Estado da Bahia.

V.: Qual o estado civil da senhora?

N.: Atualmente eu sou viúva.

V.: A senhora é viúva, né? Tem filhos?

N.: Tenho. Três filhos. A mais velha é uma psicóloga e mora em São Paulo. O segundo, é aviador e mora em São Luís do Maranhão e a terceira é jornalista e mora em Itanhaen, litoral de São Paulo.

V.: Todos fora.

N.: Todos fora.

V.: Como é viver longe dos filhos?

N.: Ë, eu, aceito sabe, porque a vida começa é para eles mesmo. Mas eu passeio muito. Agora mesmo em março eu cheguei de lá, passando dois meses e vinte e um dias lá com eles. Distribuo: um tanto aqui, um tanto ali, e aí vou matando a saudade, mas acho que o meu lugar é aqui.

V.: Fale um pouco para nós, sobre a sua família, a sua infância, a adolescência.

N.: Valda, a minha infância eu considero a melhor do mundo. Que eu tive uns pais, uma vida muita tranqüila, não sabe? Classe média, meu pai era negociante e minha mãe em casa, cuidando dos filhos. Mas foi um tempo maravilhoso. Fui muito bem querida, muito bem amada... Eles muito assim amigos, amigos mesmo, tudo o que se passava existia comunicação. E fiquei morando na Barra até 1946, quando eu me casei. Me casei com um baiano mas que morava no Rio e eu morava na Barra. [Risos] Em 1946 eu me casei e vim direto aqui para Belo Horizonte. Mas a minha infância foi muito boa, sabe, mas muito boa mesmo. Tive uma turma de amigas muito boa que até hoje nós comunicamos, não sabe?

V.: Até o casamento da senhora, a senhora fez algum curso, trabalhou?

N.: Fiz, trabalhei, eu estudei no Colégio Santa Eufrásia, lá na Barra mesmo, e lecionei durante seis anos, quase seis anos em Morpará no Estado da Bahia...

V.: Como é que chama?

N.: Morpará, M-O-R-PARÁ, no Estado lá da Bahia, como professora primária. Lecionei e depois eu pedi demissão justamente no mês que eu me casei para poder vir para aqui.

V.: Chegando aqui...

N.: Chegando aqui, nos dois primeiros anos logo veio o primeiro filho, veio o segundo filho, não sabe? Depois com muita luta eu consegui que meu marido deixasse eu trabalhar. Os meninos já tinham entrado para o jardim da infância, que eu morava lá na Francisco Sales e logo na esquina, aquele colégio Nossa Senhora das Dores.

V.: Sim.

N.: E ali era só atravessar a rua e os meninos ficavam, né? Aí o eu sogro também começou a conversar com ele e a minha cunhada era secretária do ministro da educação do tempo de Antônio Balbino e ela conseguiu a colocação lá na escola de enfermagem, na escola de medicina.

V.: Hum, hum.

N.: Aí eu fiquei trabalhando na escola de medicina de 53 até 66 quando eu fui para a escola de enfermagem.

V.: Na faculdade de medicina a senhora trabalhava em que? Qual a função?

N.: Na seção de pessoal. Trabalhava como escriturária, na seção de pessoal e eu tinha a chefia de gabinete do diretor não sabe? Tudo que era relacionado com a diretoria eu tomava parte. Tanto que essa função gratificada de direção, lá do diretor, eu levei para a escola de enfermagem, até que eu fui nomeada secretária oficial.

V.: Nesse período que senhora estava trabalhando na faculdade de medicina, quem era o Diretor na época?

N.: Eu entrei com o Professor Luiz Adelmo Lodi, depois com o Dr. Oscar Versiani até o dia que eu passei para a escola de enfermagem.

V.: O quê que senhora se lembra da escola de enfermagem nesse período que a senhora trabalhou na faculdade de medicina? O quê que falavam, as relações, como é que era isso?

N.: Olha, a escola de enfermagem nessa época era muito assim, praticamente abandonada pela medicina, porque não era, era assim, trabalho lá que eles faziam mas não tinha um diretor, não tinham nada. Tinha as freira que tomavam conta, né? Irmã Emília [Clarízia], depois de irmã. Emília peguei irmã [Maria] Carmem Teixeira, irmã Carmem, né? Mas a escola de medicina dava muito pouca assistência à enfermagem, muito pouca mesmo. Aquilo ali, vinha um pedido era uma demora para atender. A folha de pagamento era feito na medicina por mim, inclusive. Eram poucas pessoas, porque o quadro de enfermagem era pequenínissimo. Nós tínhamos parece que onze pessoas no trabalho do pessoal, tinha oito professoras, se não me engano, naquela época, sabe? De forma que quando foi em 28 de fevereiro de 68 é que desanexou a escola de enfermagem da medicina e passou a ser uma unidade para, com diretor, com vice, com tudo. Mas lá com a medicina elas tinham muitas queixas então, inclusive a Carmem Dolores Mesantier Brandão era a que mais gritava pelas coisas lá para a escola, que era mais antiga. Até o dia que deu. Antes de desanexar, em 66, eles fizeram lá uma reunião em princípio de janeiro e pediram que fosse uma pessoa para secretaria da medicina para orientar lá na enfermagem. Ele pediu uma votação e a turma das professoras pediram o meu nome, né? E eu fui para lá no dia 16 de janeiro de 1966. Com a portaria baixada pelo Dr. Versiani, para tomar conta do pessoal, ensino, as compras, tudo, almoxarifado, tudo. Eu fui com essa portaria baixada para fazer todo esse serviço que a escola era um ovo naquela época, né? Tinha internato, ainda tinha internas e só funcionava aquele primeiro e o segundo andar que hoje tá tudo mudado. Era o primeiro e o segundo andar. Tudo mais era só levantado, mas era lá em cima era dormitório das alunas. Aí eu fui para a escola, mas com o prazo da portaria baixado por dois anos. Quando foi em fevereiro, terminado o meu prazo, desanexou a escola, saiu o decreto. Aí senti que a escola precisava muito mais de mim, porque iam começar os trabalhos naquela época, né? Nessa ocasião Carmelita [Pinto Rabelo] era ainda diretora, tive entendimentos com o diretor de pessoal e ele achou que eu devia permanecer na escola. Aí eu fui realmente transferida da medicina para a enfermagem. Lá fiquei até eu me aposentar.

V.: Na faculdade de medicina, qual que era o vínculo empregatício, como que era a relação empregatícia da senhora quando entrou na faculdade de medicina?

N.: Era o seguinte, o que a escola precisava, a medicina dava um tanto, por exemplo, uma importância X para elas irem lá comprando aquilo que precisasse assim de material, porque tudo mais, a folha de pagamento era pago pela escola de medicina e material assim de alimentação, porque as professoras alimentavam, as irmãs, tudo ali, a medicina dava isso. Mas nós não tínhamos nenhuma escrita, nenhum livro aberto para isto. Era tudo controlado lá pela medicina.

V.: Antes de ir para a escola de enfermagem, qual a relação que a senhora tinha com a enfermagem? Conhecia alguém de lá?

N.: Conhecia as professoras, né?

V.: Todas elas...

N.: Que nessa época era 11. Era a Carmelita, era a Izaltina[Goulart de Azevedo], Carmem Dolores, Rosa Lima Moreira. Tinha a Gercy Kelly, Maria do Rosário, tinha mais a Maria Vitória [da Silva], Yole [de Carvalho Mazzoni], só essas, né?

V.: E os funcionários? Quais outros funcionários tinha na escola?

N.: Na secretaria da enfermagem eu encontrei a Altamira [Procópio Ferreira], que ficava na Seção de Ensino; a Lígia [de Queiroz Magalhães] que ficava na Seção de Pessoal; a Carmem Dolores não lecionava, ficava com ela. As outras todas, tinha uma econôma que era a dona Itália [Clarízia] que essa tomava conta mais do internato e tinha aquele pessoal da lavanderia que era a Tita, que chamava Maria Natividade [Trindade Ovídio], Leontina [da Costa], Zulmira [Chaves Campos], a, uma que morreu, Nilza, irmã da Aparecida, Maria Aparecida, a Lourdes [Maria de...Pires Tavares]. Aliás, a Lourdes foi para a enfermagem saindo [do Hospital] das Clínicas para lá, foi depois. E Margarida Maria das Dores]. Essas todas...era serviço pesado mesmo de lavanderia, de passadeira, de cozinha, não sabe? A roupa toda do internato era lavada por elas e passada. Das irmãs, das professoras. Naquela época era aquela roupa branca com aquele avental engomado. Tudo feito por elas. A Galvina Pereira] que até hoje ela vive, né?

V.: Como é que a enfermagem ou a enfermeira era vista pela sociedade naquela época?

N.: Olha Valda, eu sempre tive muito respeito à profissão mas eu me lembro que houve uma, não sei se uma palestra, uma coisa qualquer, inclusive quem falou foi até

aquela, como é o nome dela, uma professora que já está aposentada, uma que perdeu um filho. Como é que é o nome dela. Parece até que suicidou, sei lá.

Geralda: Lucíola [de Sales Seabra Matos].

N.: Lucíola. Onde ela falou em brados altos que a enfermeira era considerada uma vagabunda, até, não foi nem vagabunda, ela falou uma “puta”, desse jeito. Mas eu sempre tive muito respeito, não sabe? Mas praticamente com a sociedade eu não sei nem dizer porque eu não tratava disso. Como eu respeitava, achava que todos tinham o direito de respeitar.(...) Peguei também na enfermagem, aquela turma de bolsistas de do Hospital Municipal, Municipal Odilon Behrens?

V.: É.

N.: E ali eu via, né?, muito assim de perto o trabalho de todas as alunas que iam como bolsistas e tudo, e que a gente vê, na realidade, o sacrifício de uma enfermeira, né? Que os médicos operam, entregam lá para a enfermeira. O que acontece, a enfermeira que é culpada, né?

V.: Nesse início de atividade na escola de enfermagem, quais as maiores dificuldades que a senhora teve?

N.: No início, o que, antes da desanexação?

V.: É, quando a senhora foi para a escola.

N.: Não teve muito mais, porque eu já tinha muita ligação com o Dr. Versiani, porque e eu trabalhava direto também com a diretoria. E aí eu tinha mais facilidade de conseguir a verba para a escola.

V.: O Dr. Versiani era a favor da...

N.: Não, ele sempre foi a favor, quer dizer, não abria a mão, talvez não tivesse a verba suficiente, porque a escola naquela época não tinha orçamento próprio, era tirado da medicina. De maneira que depois que eu fui, tudo facilitou mais, como as professoras falavam, porque eu conseguia com ele por exemplo, o pronto pagamento de uma quantia maior para ir comprando aquilo que tinha necessidade na escola.

V.: Hum, hum. E as alegrias nessa primeira fase também! (som de avião ao fundo). As boas coisas.

N.: Olha, nessa primeira fase, eu entrei lá em janeiro. Quando chegou em dezembro, sempre procurei logo todo aniversário daquele pessoal administrativo eu comemorava,

sabe? Nós reuníamos, fazíamos aquela festinha ali no café. Quando foi dezembro, eu falei para ela vamos fazer uma festa de natal e vamos fazer um amigo oculto. Aí uma delas me respondeu: “Mas nós não podemos misturar com as professoras”. Eu digo, “mas por que?” “Ah, porque as professoras são todas separadas de nós, como se fossem assim, muito importantes.” Eu digo “não, nessa hora não tem importância, nós somos todas iguais.” A partir de 66, nós ficamos fazendo a festinha de natal ali. Sempre tomava ali a frente, fazia tudo, aquele almoço, não sabe? Fazíamos o amigo oculto, e passamos uns anos maravilhosos ali, muito unidos, todo mundo me tinha um respeito muito grande. E outra coisa, me fazia assim como confiante, tudo que se tinha vinham a mim. E aquilo ali eu ia tapando muita coisa que até a diretora não precisava de saber, não é? E ali, com amizade ali, estima, a gente resolvia tudo. Por exemplo, nas festas de formatura, que todas elas eu sempre tomei a frente que eles me davam esse direito, tinham aqueles coquetéis, aquelas reuniões todas, né? E tudo aquilo era feito com muito entusiasmo, com muita satisfação.

V.: A senhora falou que conviveu um certo com o internato, né?...

N.: Convivi.

V.: ...com as meninas internas. Como é que era para a senhora a vida no internato?

N.: Olha, as internas tinham de tudo, inclusive comida de graça, dormida de graça, roupa lavada e passada, tudo muito bem. Agora tinha aquele rigor de antes, que se hoje em dia se tivesse internato, nem podia ter. Mas era o seguinte: tinha a hora de entrada, né?. Tinha aquela hora certa de entrada no internato. A Carmelita nessa hora, mesmo como diretora ela estudava, fazia psicologia, e era uma dificuldade enorme da portaria para esse pessoal controlar a entrada das moças. Mas quem ficava para nós era a dona Itália, não sabe? E havia muita rebeldia entre as moças que queriam ter, ter, como é, mais livre, mais, mais para poder ter facilidade de sair. Mesmo que tivesse festa, podia ir mas dormia na casa de qualquer amigo. Porque para voltar era difícil. Agora, problemas que deu com o internato era coisa que era só resolvido com a própria diretora. Por exemplo, Carmelita chegava, conversava com as pessoas ali com ela, tudo, apaziguava tudo. Quem deu mais trabalho para nós foi a Maria Antônia, né?
[riso]

V.: Quem era Maria Antônia?

N.: Maria Antônia da Penha. Você conheceu?

V.: Não.

N.: Maria Antônia deu trabalho pra nós, só vendo. Deu trabalho muito grande porque ela queria, ela queria saltar a janela para ir encontrar com o namorado, ela queria chegar de madrugada. Essa nos deu um bocado de trabalho, não sabe? Mas no final de contas ela saiu do internato, né? Mandaram ela embora e ela saiu.

V.: Ela terminou o curso?

N.: Não. Ela saiu porque estava esperando uma criança e aquela, não sei se você conheceu, irmã, ela hoje é casada, mora em São Paulo, tirou o hábito, irmã... Como era o nome meu Deus? Não me lembro mais o nome dela, e ela conseguiu que ela fosse para Itaúna, para poder ficar lá, para criança e tudo. Tanto que ela ficou com ódio da escola de enfermagem, que ela não podia ver falar, nessa época a diretora era dona Izaltina. Ela ficou indignada! A escola para ela era tudo de pior na vida. Depois ela conseguiu terminar o curso pela [Escola de Enfermagem] Hugo Werneck.

V.: Ah, sei!

N.: Hoje, trabalhou, hoje é aposentada. Está com a filha lá no Rio de Janeiro.

V.: Ela mora lá?

N.: Ela tem o apartamento dela aqui, mas ela está acompanhando a menina que já está com o segundo filho, e ela fica mais tempo lá...

V.: No Rio.

N.: Ela se fosse entrevistada, era um arraso no trabalho de vocês.[risos] Que ela, Deus me livre, ela ficou, parece que a escola foi quem deu o problema para ela.

V.: Outro problema com internas, a senhora se lembra?

N.: Não. Problemas assim, com internas se teve ficou lá com a diretora que não foi divulgado para nós, sabe?

V.: E, tem um fato, a gente tem registrado, da Ana Maria Purificação Guimarães.

N.: Ana Maria?

V.: Não, Maria Purificação Guimarães e Maria das Dores, na década de 60, início de 60. A senhora não se lembra?

N.: Eu fui pra lá em 66.

V.: Ah, em 66, desculpe. Bom, a senhora falou que as alunas tinham tudo de graça...

N.: ...tudo.

V.: ...elas tinha, pagavam alguma coisa?

N.: Nada.

V.: Nada.

N.: Elas aliás, quando eram procuradas, diziam que quando fossem para a escola de enfermagem queriam casa, comida, roupa lavada, passada. E tinha também, recebiam um relógio e o principal material para o início dos estudos. Lá da minha terra, lá da Barra, vieram muitas. E quem foi, quem fez a divulgação e quem fez força para elas virem, foi o Bispo da Barra, Dom João Muniz.

V.: Como é que ele ficava sabendo do curso, como é que se divulgava, a senhora se lembra?

N.: Como ele sabia, não sei. Sei que ele fez uma divulgação assim, chamando, conversava e tudo. Olha, veio Carmelita, veio umas que estão em Brasília, não sei quantas. Tem aquela Bandeira, que eu não me recordo mais o nome delas, né? Lá da Barra eu tenho certeza que veio para estudar como enfermeira, talvez umas 10 a 12.

V.: É...

N.: Agora elas tinham tudo e tudo com muito conforto e com muita fartura, que alimentação era a melhor possível.

V.: Quem que fazia esta alimentação?

N.: A Galvina, Galvina, Teresa [Balbina Massansini] trabalhou muito na cozinha até que eu pedi para Teresa vim ajudar na secretaria. Era a Galvina, a Maria trabalhava, a Leontina, depois elas desciam, iam para a lavanderia. A comida era feita por elas.

V.: Quem que..., as alunas almoçavam juntas com os funcionários?

N.: Tinha, tinha, não, não, não. Tinha o refeitório das alunas. Para o café da manhã, tinha sempre, 10 horas, quem estava ali, tinha sempre um lanche. Tinha o almoço meio-dia, o jantar, tudo no refeitório separado.

V.: E os funcionários.

N.: Os funcionários não tinham nada de graça. Ali tinha o café, exclusivamente o café. Era servido o café 10 horas da manhã ou 9 e meia e 3 horas da tarde. Agora quem queria o seu lanche, levava de casa, sabe? Podia levar o que quisesse: um biscoito, um pão, uma coisa, uma coisa, se quisesse mais. A escola sempre deu o café.

V.: Dona Nilza, quem morava no internato, na escola, além das alunas?

N.: Era dona Itália, que ela era econômica e era a diretora, só Carmelita morou dois anos, como diretora. Depois, com Carmelita, acabou, terminou o internato e não ficou, ficou um vigia, que ficava a noite toda, já pela universidade isto, né?

V.: As freiras dormiam lá na escola também?

N.: Olha, eu não sou do tempo das freiras, mas eu tenho impressão que irmã Emília morava, não tenho certeza, não posso dizer não, porque eu peguei como diretora irmã Carmem, que ficou poucos meses, um mês que eu entrei, aí foi Carmelita. E foi quando elas desocuparam a casa.

V.: Como é que foi a saída das freiras da escola.

N.: (inaudível). Elas não eram muito bem vista não, né? Porque, você sabe, aquela, aquele regime de freira antigamente, só de rezar, só de andar de roupa comprida, de manga comprida. Quer dizer, tudo isto foi mudando e, né? Agora, elas saíram normalmente. O dia que terminou o mandato de irmã Maria Carmem, ela me entregou Carmelita e acho que até foi para o Rio, não sei para onde. Não teve nada de confusão, foi tudo normal.

G: Nesse período das freiras, que ocorreu a desanexação, no período exatamente que a Carmelita estava assumindo, as freiras terminando e ocorrendo a desanexação da medicina.

N.: Foi.

G: Quem que era a favor ou contra essa desanexação?

N.: Acredito que ninguém, porque era só para a melhoria da escola. Porque a desanexação quando deu, já não tinha freira há dois anos. Irmã Maria Carmem Teixeira saiu no fim de 66 e Carmelita entrou. Na desanexação já era Carmelita. Foi quando houve a eleição para diretoria, não sabe? E Carmelita, e a Izaltina assumiu a direção. Na desanexação já não tinha mais freira.

V.: Mas eu não entendi uma coisa: por que as freiras saíram? O que aconteceu que as freiras saíram?

N.: Olha Valda, eu não sei se eram elas que não estavam assim disposta a assumir a responsabilidade de lá, eu francamente, eu não sei o porque as freiras saíram. Mas que existia força para que aquilo fosse entre as professoras, existia. Que tanto que a

primeira eleição que houve para a nomeação de diretora, foi essa que Izaltina entrou, sabe?

V.: Hum, hum. As freiras saíram da escola, do Hospital das Clínicas também, ou a senhora não sabe?

N.: Não. Sim. Viajaram porque as que mais ficavam ali era sempre a diretora. Irmã Emília ficou uma temporada mas foi embora depois. E eu peguei irmã Emília como diretora, me procurando lá na medicina para falar qualquer coisa, resolver qualquer coisa. Agora, irmã Maria Carmem, eu peguei como diretora da escola. Mas foi num período mínimo que ela ficou, não sabe?

V.: Hum, hum.

N.: Agora saiu tudo normal porque elas ficaram, foram para o Hospital das Clínicas mas logo viajaram. Irmã Maria Carmem foi embora, irmã Maria Emília também foi, não sabe? Foram as últimas.

V.: A Escola da Cruz Vermelha tinha alguma relação com a Escola Carlos Chagas?

N.: Não, porque lá era auxiliar de enfermagem, né? Mas ligação, ligação não só do ponto de vista de despesa ou de ordem não tinha nenhuma.

V.: É que irmã Carmem era diretora das duas.

N.: É, ela lá, mas não tinha nada, por exemplo, eu nunca fiz nada na secretaria que desse, que fosse de lá, da Cruz Vermelha.(...)

V.: Bom, a senhora se lembra como era assim, o cotidiano na escola? O dia, dia na escola? (som de telefone tocando)

N.: Como era? (som de telefone tocando). Tinham as aulas, tinham aulas. Agora quando eu entrei é que eu fui determinando, por exemplo, veio logo antes da desanexação que ele me mandou para lá, o Dr. Versiani, eu aí já podia fazer compras de papel, dessas coisas simples, com uma verba que ele desse né? E aí o que fosse precisando... Por exemplo, seu Geraldo [Lúcio de Lima], que era o servente lá, ele ia fazer o serviço de correios, não sabe? E as professoras davam aula, e as aulas ali não tinham nada de, de ICB, porque depois que o ICB foi para lá, ficou uma boa temporada lá no último andar, né? Mas davam aulas, e as funcionárias continuaram somente a mais das que já lhe falei só eu. Depois que desanexou, foi que foi entrando

peçoal. O único servente que entrou no tempo da Carmelita foi o Oscar [da Costa], porque ficou no lugar da Nilza, irmã da menina que morreu.

V.: Como que era o relacionamento, a senhora falou um pouco mas a senhora queria completar mais alguma coisa, da senhora com os outros funcionários?

N.: O melhor possível. Sempre me dei muito bem com eles todos.

V.: Existia alguma hierarquia, quer dizer, a posição da senhora...

N.: Não. Comigo não. Quando eu cheguei a hierarquia que existia era dos serventes com as professoras. Que elas tinham aquele respeito, não sei se era formado por elas ou se elas professoras que nem tinham razão para isto. Agora, quanto a mim, elas deram um respeito muito grande. Eu reunia todo mundo, todo mês. Eu tinha lá livros de atas de tudo que se passava, para onde foi eu não sei se ainda existe. E ali cada uma contava o que precisava, o que sentia e tudo e ali a gente apaziguava tudo, sabe?

V.: Essas reuniões eram com professoras e funcionários?

N.: Não. Não...

V.: ...Só funcionários?

N.: Era só eu com o pessoal administrativo. E só foi mesmo iniciado essas reuniões, quando cresceu mais o número de funcionários.

V.: E como é que era o relacionamento da senhora com as professoras?

N.: O melhor possível. Todo mundo sempre se deu muito bem comigo e eu com elas. Não tenho queixa de nenhuma.(...)

V.: Teve alguma saída de colegas que tinham, que entraram na escola como funcionários e saíram por algum motivo, foram transferidas?

N.: Teve. Por exemplo, entrou logo depois que eu cheguei, entrou a Edelvira [do Carmo Toni Messer, depois entrou Maria das Dores Soares Caldeira, ela também formou em enfermagem e tomou conta da Seção de Ensino. Mas a Maria das Dores saiu porque encontrou um emprego melhor, não sabe? Porque ela ganhava melhor e tudo, então ela saiu. Agora que entrasse e saiu, só a Maria das Dores. Sim, entrou aquela menina que hoje é a esposa do Edinaldo [Santana Rocha] Como é que é o nome dela? A esposa do Edinaldo, é o nome dela, aquele da Seção de Ensino? [Maria do Rosário]

V.: Era... Não conheço.

N.: Não conhece o Edinaldo não?

V.: O Edinaldo sim, a esposa dele é que não.

N.: Ela entrou comigo. Por que era assim. Depois que deu, que desanexou, a Izaltina me deu a seguinte ordem: todo mundo que era contratado fazia um estágio comigo com dois meses, ali na secretaria, eu mostrava o serviço como é, tudo. Depois era destinado para outro setor. Todo mundo passou por mim. E esta menina entrou, ficou comigo uma temporada, depois ela foi, ela trabalhou na Seção de Ensino até casar. Depois ela mudou para o instituto, INPS, não sei. Eu já estava aposentada quando ela foi para outro. Agora saída, outros funcionários não teve não. Só os que foram aposentando foram deixando. Mas não teve mais ninguém não.

V.: Voltando um pouquinho à história da escola, a escola naquele, nesse período da senhora prestava algum serviço à comunidade?

N.: Olha, tinha esse trabalho de vacinação, né? Na época da vacinação movimentava não só professores como alunos.

G: Nas campanhas, né?

N.: É, nas campanhas de vacinação. Outra coisa da comunidade assim, prestando serviço não tinha não. Era só a época da vacinação.

[FINAL DA FITA LADO A]

LADO B

N.: ...para me empregar quando começou a greve. Tanto que o Eduardo [de Albuquerque Palhares] chegou a mim e disse: “Mas a senhora vai trabalhar?!”, e eu disse: Oh meu filho, eu trabalho diretamente com a diretora, não posso ficar em greve”. Mas não houve alteração, de ter barreira, de não ter nada. Houve assim, aquela conversinha, mas eu não peguei nenhum período mesmo de greve, que não entrasse, que não trabalhasse e que ninguém fosse, não.

V.: Hum, hum.

N.: Foi em 1984, que eu aposentei? Não me lembro mais. Eu tenho até aqui um boletim que eu fiz, uma carta aberta pra escola, 82.

G: Uma carta aberta. Uma carta aberta.

N.: Eu fiz uma carta aberta e distribuí pra todos os, com todas as professoras.

G: O quê que a senhora dizia nessa carta?[anexada no final da entrevista]

N.: E aqui conta a minha vida desde a hora em que eu cheguei lá, até então, até o dia em que eu saí, sabe? Todas as diretorias, não sabe? (barulho, mexendo nos papéis), que eu atravessei, tá?

G: Inclusive era sobre isso que eu ia fazer uma pergunta. A senhora passou por diversos, né, por várias diretorias...?

N.: Passei, sabe por quantas? Encontrei irmã Maria Carmem Teixeira, Carmelita de 66 a 68, Izaltina de 68 a 72, Maria Vitória como decana do Conselho Departamental, de 72 a abril de 73, quando entrou a Yole até 77. Depois Marilda Pereira como decana até junho de 77 quando entrou a Noemi. A Noemi ficou o tempo todo, até 81, quando Izaltina entrou como pró-tempore, porque era do Conselho Departamental. Eu ia me aposentar na gestão da Noemi, quando a, a, 14 de junho que a Izaltina tinha que entrar. Ela disse: “Nilza eu estou tão afastada da diretoria. Pelo amor de Deus, não me deixa sozinha aqui!” Eu disse: “Olha: quem ficou 36 anos fica trinta e se..., trinta e cinco anos fica 36”. Aí trabalhei mais um ano. Quando foi em 82 eu me aposentei.

G: Dona Nilza, a senhora percebia diferenças nessas administrações? Na forma de conduzir a, a escola?

N.: Olha, diferenças você sabe, cada um tem a sua maneira de pensar, de agir. Agora, que eu botei aqui uma coisa que eu posso ler pra vocês, que eu acompanhei de perto. Oh, como secretária da unidade, distinguia de todos os esforços empregados pelos diretores para o crescimento e bom andamento dos trabalhos da escola... Aqui eu estou despedindo, não sei onde foi que eu botei aqui. Depois vocês podem ler pra ver, porque o sacrifício de uma diretora ali, o cargo ali não é de vantagem não. Porque é muito sacrifício mesmo, né? Porque você sabe, nem todo mundo pode dizer sim a tudo. Porque aquilo ali tem um regime, né? Tem um orçamento que você tem que obedecer. Tem umas coisas que podem ser compradas, tem outras que não podem ser compradas, não sabe? (...)

G: Mas a senhora percebeu assim, alguns avanços, algumas...avanços ou retrocessos, alguns nesse período todo?

N.: Olha, eu achei o seguinte: que teve, teve, sabe? Eu não sei se isso valia a pena eu dizer, porque eu já estou... Por exemplo, na gestão de Yole e de Vitória, mudou todo o estilo de, da escola, sabe? Mudou demais, demais. Quer dizer, essas coisas aparecem, que estavam um pouco pra trás, não sabe? Porque, foram criaturas que procuraram trabalhar, mas a Vitória parece que, queria mais dirigir do que a própria Iole, não sabe? Eu achei que parou um pouco. Eu acompanhei tudo, porque todo, todo o fim de diretoria eu entregava o meu cargo, e ninguém aceitava, não sabe? De maneira que eu acompanhei todo o mundo os quatro anos, tá? Todo mundo. Agora, eu achei que em outras cresceu mais um pouco, sabe? Cada dia, um passo mais na frente. Agora, achei que nesse período parece que parou um pouco.

V.: Dona Nilza, é... depois quando a Io..., a, terminou o mandato da Noemi, a dona Izaltina entrou como pró-tempore, por quê?

N.: Foi. Porque não tinha ain..., a, a, o, o, a eleição seria em outubro, que foi nomeada acho que, Rizoneide, né?[Maria...Negreiros de Araújo].

V.: Sim.

N.: É. Ela entrou pró-tempore justamente de 14 de junho até o dia que eu saí, que eu saí em agosto, sabe? Foi quando...

V.: Do outro ano.

N.: Do outro..., não sim, foi do outro ano.

V.: Um ano que ela ficou como pró-tempore?

N.: É, e ela, foi quando teve a eleição. Não, aliás tinha havido a eleição, ainda não tinha era tomado posse. Foi, por que foi, foi Rizoneide depois da Izaltina, não foi? Ou foi a Alcinéia [Eustáquia da Costa] ? Foi Rizoneide.

V.: Não, foi Rizoneide. Pois é, mas a eleição da diretora estava vinculada à eleição do reitor, por exemplo? Por que ficou esse tempo todo sem ter eleição?

N.: Ai, eu não sei dizer o porquê, porque a vice ficava, né? E nessa época que a Izaltina ficou pró-tempore, não teve não. A Noemi, a vice-diretora de Noemi era Marilda, não era? Era, Marilda. Era. Marilda Silva Pereira, porque a Marilda entrou como diretora, como decana do Conselho Departamental de abril, olha 18 de abril a 12 de junho. Foram quase dois meses quando a Noemi tomou posse. Porque a Noemi já estava nomeada, mas estava, já estava eleita mas estava esperando a nomeação, é. E

aqui também, então a Izaltina, é porque a Rizo já estava eleita mas estava aguardando a nomeação.[Silêncio]

V.: Bom, a senhora falou um pouco que a senhora participava da, organizava na verdade, enquanto secretária, a formatura, né?

N.: Todas as formaturas.

V.: Desde...

N.: Foram 32 turmas que eu secretariei.

V.: Como é que era? Como é que foi essa primeira formatura? Tenta fazer pra gente assim... O quê que aconte..., o quê que mudou na formatura? Da primeira à trigésima?

N.: Mudou, pelo menos até eu sair de lá, cada dia crescia mais o movimento. Porque quando eu entrei, se não me engano, parece que formaram cinco. Depois cada uma turma ia aumentando, aumentando. E passou depois, formatura pra julho e pra dezembro, não é isso? Aí (barulho, alguma coisa caindo) quando passou, cada dia crescia mais. E a organização era isso, as meninas sempre me procuravam e escolhiam. Elas era quem escolhiam o local, porque cada ano sempre era num lugar. E eu acompanhava em tudo, Orientando o seguinte, porque aí a professora me dava a ordem de dizer, “vamos fazer um coquetel na formatura”. E eu tomava conta desse coquetel, chamava..., fazia a, como é que diz? Tirava o preço de três, de três casas de, de, que fazia, e organizava tudo isso, inclusive mesa, tudo isso eu tomava frente né? E cada dia ia sempre assim. Sempre teve o coquetel, a comemoração, sempre, tá? Inclusive as paraninfas, sempre davam um almoço antes. As pro..., as, as, às formandas. Eu até cozinheira fui na escola de enfermagem. Porque na turma que a Lídia, Lídia [Maria ...de Queiroz] não me lembro mais de quem foi as outras, foi ser paraninfa. Ela disse: “Ôh, Nilza eu queria oferecer um, tem umas baianas, eu queria oferecer um vatapá”. E eu fui pra cozinha pra fazer o vatapá, tá? De forma que sempre elas sempre davam assim. Hoje em dia, eu achei, já no final, as alunas muito desligadas da secretaria. Elas já faziam tudo por conta própria. Passavam rifa, passavam coisas assim, angariando dinheiro para a formatura.

V.: Quem que pagava? Quem que custeava essa formatura anteriormente?

N.: A escola. O coquetel era a escola. O coquetel era a escola, porque, a formatura em si, sempre arranjava os lugares de graça. Sempre arranjava. Mas o coquetel sempre foi a escola de enfermagem que dava.

V.: No tempo da senhora sempre foi?

N.: Toda vida. O coquetel era dado pela escola de enfermagem.

V.: Alguma gafe des, dessas festas de formatura? Algum caso assim, nem, algum deslize?

N.: Nenhum. Tinha, a gente teve... A última formatura que eu secretariei foi lá no, Minas Tênis [Clube] Foi Minas? Não, é Minas sim, lá na Rua da Bahia. E tinha uma, que formava, Geralda. Não sei se você conheceu, uma escurinha.

V.: Está no IPSEMG?[Instituto de Previdência Social do Estado de Minas Gerais]

N.: E a Geralda era muito estabocada, né? Mas isso aí não deve gravar não.[risos]

V.: Já...

N.: E aí se vocês ouvirem vai passando... [risos]. E ela fica..., porque teve uma lá no Minas Tênis, que o Marcelo era reitor. Marcelo, não é? E todo mundo ia, porque escolhia antes se era de beca, se era de vestido, como é que era, né? E aí foi decidido em reunião entre elas, que era de beca. Quando foi na hora de organizar, o Marcelo estava assim, separado e disse: “Qual é a demora Nilza?” E eu disse: “Olha, tem uma que está de vestido e não quer ir de beca. E eu disse a ela que enquanto ela não vestir ela não vestir a beca que eu não entro com a turma”. E ele disse, aí ele começou a criticar: “Eu quero é ver se você tem força com uma [riso] das formandas.” E esta menina lutou, atrasou quase vinte minutos. E resultado: ela terminou vestindo a beca. Porque ficava horroroso, todo mundo de beca e ela de vestido. Aliás, muito bem vestida, uma beleza de roupa. E digo, depois vocês veste e vai dançar.

V.: [riso].

N.: E entrou. Mas tudo, as becas a reitoria dava de graça, nunca cobrou nada. Vinha aquela quantidade, elas escolhiam. Só pediam que não cortassem, se quisessem encurtar, que dessem bainha. Mas, dava de graça...

V.: Emprestava, né?

N.: Emprestava. Emprestava, e depois no dia seguinte eu devolvia aquilo tudo, não é? Juntava tudo, tornava a mandar levar... O salão era procurado por elas, não sabe? Agora, até os enfeites da mesa e tudo, a escola mandava fazer (ruído de fundo).

V.: Que outras solenidades senhora se lembra da escola?

N.: Olha, teve umas, inclusive quando teve a fundação do Conselho de Extensão teve uma lá, lá na, na escola, com presença lá de gente da reitoria e tudo, que até a primeira pessoa que era do, do Conselho e Extensão foi uma que foi vice-diretora. Do tempo da Yole. Ela também saiu da escola. Essa menina saiu cedo da escola. Uma professora que foi vice-diretora, na...

V.: Norma Lúcia de Matos]?

N.: Não. Não foi Norma não. Norma também saiu. Silvana!

V.: Silvana Del Carrillo.

N.: Teve esta, esta, este festejo lá do Conselho, do, do, do, como é?

V.: CENEX? [Centro de Extensão] .

N.: CENEX. Agora, outras assim lá na, na, na escola no meu tempo não teve não. Tinha as formatura mesmo, que depois passou a duas por ano.

V.: E o aniversário da escola?

N.: Olha, o aniversário da escola, só no ano que eu saí é que foi comemorado. Nunca foi comemorado assim, o aniversário da escola pra fazer nada.

V.: Foi os cinqüenta anos da escola?

N.: Foi. Os cinqüenta anos da escola.

V.: A senhora participou dessa...?

N.: Não, eu participei não. Eu já participei, já participei, aposentada.

V.: Hum, hum.

N.: Não estava mais lá.

V.: A senhora já tinha saído.

N.: É. Se lembrava e tudo, mas nunca teve festejo nenhum no aniversário da escola. Os festejo que mais sobressaía na escola, quando era realmente a confraternização em dezembro que nós nunca deixamos de fazer.

V.: Hum, hum.

N.: E reunia ali, na, na maioria daque..., todas aquelas que eram casadas levava marido, levava filhos. Era muito bonita a festa. Agora, outra coisa que eu sempre organizei quando eu estava lá era aniversário da diretora. Mas nunca foi com o dinheiro da Escola. Aí era uma coisa que eu arrecadava e a gente dava à diretora, era flores, era um, um, um presentinho, uma coisa assim, que a gente quisesse.

V.: Hum, hum. Houve algumas mudanças em relação ao ensino neste período, que a senhora teve lá. Em quê que isso...?

N.: É. Que houve houve né? Inclusive a criação dos departamentos foi depois que eu estava lá.

V.: Como é que foi isso?

N.: ...Porque, acho que já tinha uns três... Foi depois da desanexação, né? Foi resolvido isso em Conselho Departamental e tudo, e a própria reitoria teve a criação do departamento que foi o DEB [Departamento de Enfermagem Básica], o DEMISP [Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública] e o DEA [Departamento de Enfermagem Aplicada] Aí, havia as eleições para ver quem era a diretora e tudo, de tantos em tantos anos.

V.: É, sobre a desanexação, a senhora participou efetivamente nesse período? Depois da desanexação, o quê que mudou mais na escola, no teu trabalho, nas suas atividades?

N.: Ah!, mudou demais! Tudo enfim, não é?, porque tudo começou a partir da própria escola. Porque tudo, qualquer coisinha que queria era batido na medicina, não é? Aí começou logo, a correspondência toda. O almoxarifado era na escola, as compras todas eram feitas na escola. De maneira que mudou demais. Cresceu, foi crescendo dia a dia. Aquela parte de obras, tudo. A primeira coisa que tomou providência foi logo o término do, do prédio. Aquela frente da escola, aquele baixo que você não pegou, que a gente descia numa, numa escadinha de madeira. Que você agarrava aquilo (gesticulando para mostrar), você tinha medo de cair lá em baixo. E aquilo ali foi tudo organizado. Primeira coisa que foi feito. Não só organizou ali a frente, da Escola toda, aquela passagem lá por baixo, não sabei tá? E o término da escola.

V.: Quem mais trabalhou nessa fase?

N.: Quem trabalhou em que ponto de vista?

V.: No sentido de conseguir verba, de lutar pela independência.

N.: Nós tínhamos, já era, já era, já era incluído no orçamento.

V.: Ah, sim.

N.: Porque o orçamento era feito por nós na enfermagem. Já tinha aquela, aquela importância, né? Montante para a Seção de Pessoal, pra Seção de Ensino. Para o material, todo que gastava.

V.: Esse orçamento era feito na escola e aí...

N.: ...aprovado pela diretoria e aquilo era depositado em nome da escola pra poder a própria diretora ir dando os cheques daquilo que necessitava.

V.: Hum, hum.

N.: Agora, antes de eu sair, não, depois que eu saí é que já passou as compras lá pra, pra universidade. Foi quando entrou o Eduardo. O Eduardo entrou e trabalhou comigo dois anos, pra depois ele já ir para o almoxarifado.

V.: Pouco antes da senhora aposentar.

N.: Foi antes. Muito antes.

G: Dona Nilza, nesse período dessa reforma, ou melhor, dessa término da construção da escola, mais ou menos no período de 68 a 72, quando terminou. E ne..., em 68 é ô* foi o, terminou o internato. Qual foi o destino do..., todo equipamento, tudo que era roupa, né?, utensílios que eram usados no internato. O quê que foi feito disso?

N.: Continuou, depois foram todos, tudo foi doado pra, foi mandado pra reitoria, porque tinha tudo, o material todo era fracalance copinhos de fracalance era pro café. Os pratos talheres, tudo foi mandado pra reitoria. Tudo, tudo foi mandado pra reitoria. Tudo isso foi mandado pra reitoria.

G: Camas, colchões, roupa de cama?

N.: Camas. Tudo foi. Inclusive que vinha, vinha a época, que tinha... Pediram à escola pra, pra época de quê meu Deus, não sei se era congresso, não sei o quê que era.

Pediam à escola alojamento e na época de Noemi já não tinham mais as camas, porque quando começou a, construiu aquela sala de aula [no quarto andar] eram dormitórios.

Foi separado, cada dois dormitórios transformaram-se em uma sala de aula. E aí a, já foi mandado tudo pra reitoria, de lá o destino eles tomaram, não sei, mandaram pra algum lugar que precisavam (barulho). Agora o material de, de, que se usava de cozinha, todo foi mandado. Todo foi mandado.

V.: Dona Nilza, a senhora se lembra do primeiro aluno da escola?

N.: Primeiro aluno?

V.: É, homem.

N.: É, eu, eu me lembro de uma, uma enfermeira que é a primeira enfermeira for, formada, acho que ela morreu no ano passado se não me engano. Acho que era Alzira, era uma gor..., Edelvira [Costa Santos], uma gordona. Mas o primeiro a, aluno que cê tá falando?

V.: Homem.

N.: Homem? Foi Henrique [Augusto de Melo].

V.: Foi Henrique.

N.: Foi Henrique. Foi o primeiro que formou em enfermagem. Foi o Henrique.

V.: A senhora lembra da, a época?

N.: Eu já estava lá a mais anos. Não sei o ano [1966], mas, isso aí eu tenho tudo lá nesses livros, que eu não sei se conservam lá. Porque teve umas professoras que procuraram um tempo, esse tempo que deram aula como monitoras, para aposentadoria e disse que não acharam mais papelzinho lá. Foi quando a Maria Helena [de Souza] entrou e eu não sei o que é que teve ordem de fazer. Mas nos livros de atas, tem todas as atas de, de coisas lavradas, inclusive pra eu tirar os, os diplomas eu tirava pela ata né?, pelas assinaturas das alunas.

V.: Hum, hum. A senhora não se lembra então, não era da época da senhora, uma época que dois alunos não foram aprovados e teve um problema com irmã Carmem. A senhora não estava lá ainda?

N.: Já não peguei. Por que eu cheguei com a irmã Carmem. E eu acredito que foi por isso que irmã Carmem tirou (inaudível), né? Mas eu quando cheguei a irmã Carmem passou um mês só. Nem um mês.

V.: Foi em, em 66 mas não sabe o mês. Dois alunos brigaram abertamente com irmã Carmem.

N.: É, porque eu entrei em janeiro de 66 e ela tava saindo, entregou à Carmelita. Quem meteu muito medo lá na escola [riso], a Izaltina era o Chico, o Francisco [Carlos Felix Lana]. Hoje eu encontro com ele, e ele chega e me chama: “minha advogada”, né?

V.: [riso]

N.: Porque era impossível, gente! Francisco, e, e...

V.: Anh.

N.: E aquele Vieira?

V.: Hum. O Lúcio?

N.: Lúcio?

V.: Aprontavam?

N.: O Lúcio, a gente, ele passava sempre sério, sempre feliz, mas tudo era muito debaixo do pano. Mas o Francisco era impossível, nossa! Hoje não. Eu digo, pois é cê hoje tá casado, já tem filho, já pensou! Ele então quando me vê, só você vendo. Todos eles quando me encontram a fala é uma farra.

V.: É impossível assim, em que sentido?

N.: Por que surgia muita encenquinha entre eles, os professores, né?

V.: Ah, sim. Era briguento com os professores?

N.: É professores, dizia que os professores não dava aula bem. Que professores não seguia e não sei o quê. Entrou lá uma também estrangeira, né? Ih!, deu “pano pra manga”. Como é que é o nome dela? Ela era do DEB se não me engano. Era. Uma que, que entrou lá.

V.: É a Suzie.

N.: Que quase nem...

G: É a Suzie Scott [Suzana Wilson Scott].

N.: Suzie? É essa mesmo, que deu problema. Você até deve ter pegado ela como aluna, não pegou não? Como aluna.

G: Peguei já como colega de trabalho [riso]

N.: Ah!, colega de trabalho, foi.

G: É, só retornando ainda em 66, que a senhora entrou no início do ano, a gente tem escrito que a escola foi roubada em abril de 66. Tem um relato de um roubo.

N.: De quê, de, de, de...

V.: Arrombaram a escola.

N.: Como é o nome?

G: Arrombaram a escola.

N.: É, eu fui chamada aqui uma hora da madrugada. Até isso eu fazia na escola. Eu lavrei essa ata a uma hora da madrugada lá. Mas não foi roubada. O homem, o vigia tinha lá, que viu um casal lá em baixo. E ele saía e olhava a turma entrar. E depois era até um médico, sabe? Foi um médico, tá tudo lá lavrado. Ele veio de lá, certo é que ele tinha ordem de viver armado, o vigia. Porque a frente da escola toda era vidro, né? Aí deu um tiro na porta. E ele disparou a arma também pra fazer medo, pra eles irem embora. Nisso ele pegou o telefone e bateu aqui pra casa. Era uma hora da manhã, quando eu atendi, conforme o que eu falava a Carmelita levantou. Disse: “O que é que houve Nilza?” Eu disse, olha nós temos que ir lá na escola porque houve isso e isso. Trocou a roupa e nós fomos pra lá. Aí chamamos a Rádio Patrulha tomamos toda..., tá tudo lavrado lá em ata, tudo! Nesse livro de, administrativo. Mas não chegou a roubar não. Ele falou que o, queria o que ele comprou, que não sabe o quê que ele queria. Eu acho que o cara foi perseguido por alguém. Queria entrar na escola e o Sr.. José não deixou. E aí houve isso. Mas roubo a, o único roubo que eu soube lá da escola foi de um microscópio no tempo do, do ICB [Instituto de Ciências Biológicas] lá em cima. Mas, acho que nunca se descobriu isso. Porque no meu tempo na verdade, nunca teve nada disso, de desaparecer lá.

V.: O ICB teve um período na escola. A Sra. se lembra de alguma coisa significativa da permanência do ICB dentro do prédio da escola?

N.: Não. Sei que foi pedido pela reitoria, né? E ficou lá no último andar. E não foi um ano e dois anos não Valda. Foram, foi bastante tempo. Não me recordo quantos anos. Pelo menos na gestão de Izaltina, todos os quatro anos eles estiveram lá. Todos os quatro anos. Agora, eu não me lembro até quando. Acho que até desocupar lá, ter cômodo, lá acomodação, lá pra reitoria.

V.: Hum, hum.

N.: Mas ficaram muito tempo. Agora, nunca houve assim, nada assim, de embaraço, nada. Porque a Izaltina, hoje quando eu vejo a Izaltina, quase não vou lá porque me dói ver o estado da Izaltina. Mas ela era uma criatura que tinha muita facilidade de salvar situações. Porque ela tinha muita ligação com o pessoal da reitoria. Mas muita, muita, mesmo! De maneira que quando ela via qualquer coisa assim, esquentar um pouco ela ia pessoalmente e aquilo acalmava logo, sabe? Foi sempre uma pessoa que procurou

apaziguar tudo assim, mas de uma maneira que nunca deu pra ressaltar assim, pra escandalizar não.

V.: Hum.

N.: Nunca houve.

V.: Aí a senhora aposentou e depois, o quê que a senhora anda fazendo atualmente?

N.: Ah!, minha missão agora é muito grande.

V.: Sim.

N.: Eu, como o meu marido adoeceu, ele já estava aposentado e eu também. E ele tinha uma idéia de, construir um asilo pra idosos. E logo ele faleceu. E Carmelita comigo, tocamos a idéia pra frente. De maneira que eu trabalho noite e dia em benefício dessa construção, que se Deus quiser vai sair. Eu tenho aqui é a secretaria, vocês podem até ver aqui, esse quarto do fundo (andando para mostrar). Eu trabalho com vinte pessoas que, foram sabendo de meu trabalho e foram espontaneamente apresentando, sabe? Alí nós fazíamos de tudo. É um bordado, é um tricô, croché, é, é, tudo enfim. Depois eu vou mostrar procês lá dentro, tá? Fiz também o, nós dávamos o, damos o almoço uma vez por ano, uma tarde das torta, e eu arrumei todo o cômodo lá como cozinha. Porque tinha que ter panelas, as panelas são deste tamanho (abrindo os braços).né?

V.: Hum, hum.

N.: E aí a gente... Eu trabalho que só você vendo. Bordando, bordo muito, não sabe? Tem dias que até meia noite eu estou aqui bordando, na hora que os olhos pesam aí eu vou dormir. [risos].

V.: Hum. É, e esse material que vocês é, elaboram, fabricam né?, é comercializado? Como que é?

N.: Eu exponho lá na escola de enfermagem todo ano, uma semana, né? Por que a diretora sempre tá me dando uma semana alí o, o, o salão né? Alí a gente vende. E também todo mundo que sabe, que precisa assim, de um presente pra chá de panela, pra menino que nasceu, pra casamento, pra tudo, já sabe que eu vendo, vem. E essa importância toda é depositada em nome da associação, para a construção. Que se Deus quiser, esse ano [1996] nós estamos querendo já começar. Por que a plan..., a, a escola de arquitetura, engenharia e o geociências nos dão apoio. Já temos a planta feita e nós

não vamos construir um asilo, nós vamos construir uma cidadezinha com 100 casas. É uma graça a planta, só você vendo. E aí eu trabalho sem parar e quanto mais trabalho, mais vontade tenho. Me sinto tão gratificada com isso que não me canso.

V.: Hum, hum.

N.: Eu não tenho tempo pra nada Valda.

V.: Essa, essa, esse grupo tá ligado a alguma, algum outro grupo religioso...

N.: Não, não. Nada de religião. Nós trabalhamos com todo mundo que queira trabalhar e pretendemos receber primeiro, todos os carentes que não tem pra onde cair, depois de uma sindicância, é lógico, não é? Mas, não tá ligado a nada. Nem espiritismo, nem catolicismo, nem, nem, nem nada. Nada. Nada, nada disso. Agora, esse pessoal que trabalha comigo, francamente, tem umas que eu nem sei qual é a religião. Todo mundo vem, trabalha. Sempre toda terça-feira de meio dia até as seis horas. Tanto que os cômodos que eu construí estão pequenos e eu fiz um bocado de almofadas e espalho pelo quintal, porque dá sombra. A casa dá justamente sombra, trabalham ali até seis horas, levam trabalho pra casa como se fosse “para casa” [riso].

V.: Hum, hum.

N.: Sabe? Elas levam o trabalho porque por menos que faça um pouquinho, ajuda.

V.: Claro.

N.: E nós temos trabalhos belíssimos, só vendo. Tudo de cama, mesa, não sabe? Tudo, tudo, tudo.

V.: E a senhora, tá ligada a alguma religião? Tem alguma religião?

N.: Não. Nenhuma. Toda vida assim. Eu sou assim, toda vida freqüentei o catolicismo. Mas mesmo assim a gente encontra muita coisa errada em todo lugar, sabe?

V.: Hum, hum.

N.: Porque depois que os padres começou a entrar muito em política eu vi que eles já estavam misturando tudo, não é? Mas eu não tenho nenhuma outra ligação. Eu acho que a gente vale é a gente praticar boas obras, amar, perdoar, né? Mas não tenho. Minha mãe sempre dizia que ela dentro de casa rezava mais do que se ela fosse na igreja. Porque ela uma vez foi na Igreja e disse que só via o povo muito bem arrumado, muito bem empetecado. E ela não, dentro de casa ela ficava no quartinho dela que rezava que era uma maravilha. [riso].

G.: Como que a senhora vê a escola hoje?

N.: Olha, depois que eu me aposentei eu quase não vou à escola, sabe? Porque não só porque não tenho tempo e, porque não quero atrapalhar. Porque eu acho, como eu, quando trabalhava... Olha, eu trabalhava ali eu vou te contar uma coisa, eu não tinha tempo pra nada na escola. Você me pegou ali trabalhando, você viu. Ali na secretaria tudo era comigo. Tudo que queriam resolver, era comigo. Os setores, por exemplo a, o almoxarifado, o Sr. Rui naquela época, por qualquer coisa ele dizia: “Ah, minha chefe, vem cá!” E vinha fazer as queixas do que era. “Vamos resolver esse problema aqui! Acho que você pode resolver.” Quer dizer que eu trabalhava muito. Em concursos eu tive dia de sair duas horas da manhã da escola de enfermagem. Trabalhava. Meu marido dizia: “Na hora que você sair me telefone pra eu abrir a garagem.” Por que ele tinha medo de ver aqui o, o, o deserto, né? E eu nunca telefonei porque eu tinha pena de acordá-lo. Eu chegava e “ah!, eu tô com Deus, não tem nada não!” Entrava na garagem e andava pé-ante-pé, me deitava e muitas vezes ele nem via eu deitar, tão, tão serena que eu ia. Mas trabalhei, não me arrependo. Trabalhei com muito, muito orgulho. Aqui vocês podem ler, ai. Lê aí você, pra você ver como foi que eu fiz a carta aberta.

V.: A entrevista foi encerrada com a leitura do boletim.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Neste número do Boletim Informativo, constará apenas uma carta aberta de uma funcionária que completou o seu tempo de serviço e, em despedida, se identificará no final.

Para a Escola de Enfermagem da UFMG e todos os que nela trabalham esta CARTA ABERTA.

Prezados amigos:

Iniciei minha carreira de Funcionária Federal na Universidade Federal de Minas Gerais, em 03 de dezembro de 1953, com Escriurária (estatutária) com lotação na Faculdade de Medicina, na Seção de Pessoal, tendo averbado de imediato 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses de Professora Primária que exerci no Estado da Bahia, tempo este que ajudou-me a completar meus 36 anos de serviço.

Um ano e um mês depois que entrei para a Faculdade de Medicina recebi em 02 de janeiro de 1955 a função gratificada de Chefe de Gabinete do Diretor na gestão do Professor Luiz Adelmo Lodi durante 4 anos, continuando mais seis anos na gestão do Professor Oscar Versiani Caldeira.

Em 18 de janeiro de 1966 (13 anos depois), fui informada que na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (atual Escola de Enfermagem da UFMG) tinha sido realizada uma reunião do corpo docente presidida pelo Professor Oscar Versiani Caldeira (pois a Escola era anexada à Faculdade de Medicina) e solicitaram a ele um funcionário da Medicina para organizar o Serviço de Pessoal nesta Escola de Enfermagem; todos os professores apontaram o meu nome.

Em 20 de janeiro de 1966 (13 anos depois), fui informada que na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (atual Escola de Enfermagem da UFMG) tinha sido realizada uma reunião do corpo docente presidida pelo Professor Oscar Versiani Caldeira (pois a Escola era

anexada à Faculdade da Medicina para organizar o Serviço de Pessoal nesta Escola de Enfermagem; todos os professores apontaram o meu nome.

Em 20 de janeiro de 1966, trazendo comigo a função gratificada de Chefe de Gabinete do Diretor, fui designada para organizar e supervisionar todos os trabalhos de Pessoal, Ensino, Contabilidade e Comprar da Escola de Enfermagem, com Portaria baixada pelo prazo de 2 anos pelo Diretor da Medicina. Encontrei como Diretora a Irmã Maria Carmem Teixeira e atravessei as seguintes diretorias:

-Professora Carmelita Pinto Rabelo, março 1966/dezembro 1968.

-Professora Izaltina Goulart de Azevedo, 22 de dezembro 1968 - 22 de dezembro 1972.

-Professora Yole de Carvalho Mazzoni - 17 de abril de 1973 a 17 de abril de 1977.

-Professora Marilda Silva Pereira como decana do Conselho Departamental, de 18 de abril de 1977 a 12 de junho de 1977.

-Professora Maria Noemi Ferreira Ribeiro - 13 de junho de 1977 a 13 de junho de 1981 e

-Professora Izaltina Goulart de Azevedo como Diretora Pró-Tempore de 14 de junho de 1981 até a presente data.

término da minha estadia nesta Escola, seria fevereiro de 1968. Mas, com a desanexação da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina em 28 de fevereiro de 1968, passando a ser uma Unidade da Universidade, independente, com seu orçamento próprio, os trabalhos cresceram demasiadamente. Fui chamada pela Faculdade de Medicina para retornar ao meu posto, mas eu senti que a Escola, ora desanexada, necessitava muito mais dos meus trabalhos pelo volume de serviços que iniciavam a partir daquela data; além disto, o seu quadro de funcionários era bem pequeno, totalizando treze assim distribuídos: e Escriturários lotados na Secretaria, sendo 1 no Serviço de Ensino e 1 no Pessoal; 1 Escriturário com atividades de Econômico e 10 serventes que se ocupavam na limpeza e higiene dos andares utilizados, serviços externos, lavanderia, passaderia, copa e cozinha, pois funcionava naquela época o

internato das alunas de Enfermagem que vinham do interior. O quadro de professores totalizava 11(onze) entre CLT e estatutárias.

Em virtude desta situação optei em permanecer na Escola de Enfermagem e depois de entendimentos mantidos entre a Diretora da época e o Diretor do Departamento de Pessoal fui transferida para a Escola e nomeada Secretária Oficial da Unidade.

Quero ressaltar, que durante 27 anos acompanhei e colaborei lado a lado com todos os diretores já citados no início desta carta, procurando dar o meu apoio em tudo que estivesse no meu alcance sem medir sacrifícios.

Hoje, entrarei em gozo de férias regulamentares (acumuladas) 60 dias e já está em andamento na Reitoria o meu processo de APOSENTADORIA para publicação.

Ao encerrar a minha carreira, tenho em primeiro lugar, agradecer a Deus a Saúde, bom humor, disposição e coragem que Ele sempre me deu para enfrentar as minhas tarefas com AMOR, no decorrer destes longos anos.

Como Chefe da Secretaria, quero agradecer aos colegas do setor e também a todos os colegas dos demais setores, a colaboração, apoio, a amizade e compreensão recebidos durante todos os anos de convívio e trabalho.

Como Secretária da Unidade, testemunha de todos os esforços empregados pelos diretores para o crescimento e bom andamento os trabalhos da Escola, o meu muito obrigada pelo carinho, amizade e pelo estímulo, que no dia a dia deram à minha pessoa, valorizando sempre os meus trabalhos desempenhados, como também o voto de confiança em minha permanência no cargo.

Aos professores, que encontrei o total de 11 (onze) e vou deixando 86 (oitenta e seis) distribuídos entre os três departamentos, meus agradecimentos pela maneira cordial e amiga que sempre me dispensaram.

Se nestes 16 anos de convivência entre as paredes desta Escola não correspondi à expectativa de todos, aqui deixo minhas desculpas.

Se, através de grande esforço e dedicação pude contribuir de um certo modo para o crescimento da nossa Escola de Enfermagem da UFMG, sinto-me realizada e imbuida de justo reconhecimento da importância da colaboração de todos os que acompanharam de perto durante estes anos.

carinho que tenho por vocês meus amigos, fará com que eu continue dizendo: “que no desenrolar dos trabalhos que surgirem diariamente em nossa Escola, dê sempre UM TOQUE DE AMOR QUE DEUS FARÁ O RESTO”.

Levarei grandes saudades de todos e graças ao Senhor Deus nenhum ressentimento, pois durante estes anos, só relatei amigos, procurando aceitá-los como são, enxergando bem e valorizando seus pontos positivos.

Registrado neste boletim ficará o meu endereço e telefone: Rua Conselheiro Lafaiete, 1610 - Sagrada Família Nesta Capital - Fone: 463.9160

“O casebre é pobre
mas o coração é grande”

Lá, terei o prazer e a alegria de sempre recebê-los com carinho.

Nilza de Andrade Ribeiro

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Compilação e Datilografia: Andréa Alice Faleiro Carvalhaes

Impressão: Oficina Gráfica da FACE/UFMG

FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 11 de abril de 1996

Local: Residência da entrevistada

Número de Fitas: 01

Duração da Entrevista: 60 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Geralda Fortina dos Santos

Ana Valesca Fernandes Gilson Silva

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira